



ECONOMIA SOCIAL

# FALAR SOBRE CREADAS

MAMIA ROQUE GAMEIRO MARTINS BARATA

1948

**N**ÃO é justo minimizar êste assunto. Antes nos parece tema muito digno de ser tratado. O problema da falta de creadas é grave. As creadas tendem a desaparecer, diz-se.

Em alguns grandes centros estrangeiros, com a vida organizada diferentemente da nossa, pode prescindir-se de creadas ou pelo menos reduzir o número dos seus serviços.

Entre nós, mesmo que já fossem mais acessíveis as aplicações domésticas da electricidade e mais vulgar o abastecimento de géneros alimentícios quâsi preparados, para dispensar-mos as creadas haveria primeiro que adaptar às novas circunstâncias, os nossos *gostos e hábitos*.

\* \* \*

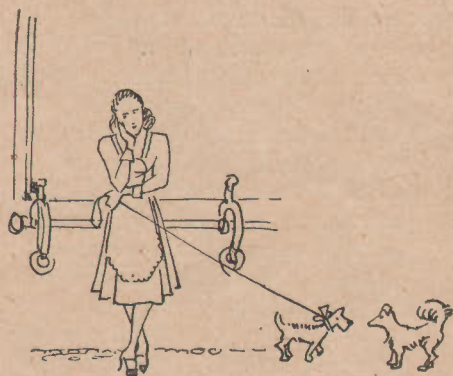
Falando dos nossos gostos lembramos a cosinha meio portuguesa meio espanhola, usada ainda pela maioria das famílias.

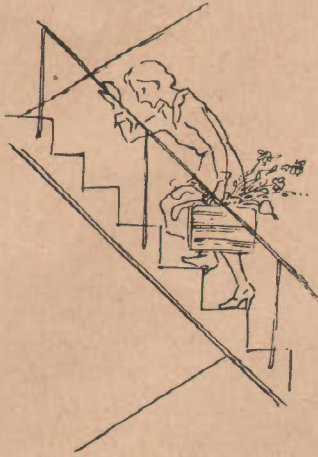
Comparemos o que custará lavar a loiça de um jantar, com a sua sopa gordinha, seu tabuleiro de assado com o inevitável molho requeimado, seu tacho de arroz enxuto preso ao fundo, etc., com a facilidade com que se lavam os vestígios dum «crème», dum «consommé» ou dos pratos frios de cozinha franceza, tudo passado debaixo da torneira de água quente constante, com luvas de cautchú!

\* \* \*

Lembrando os nossos hábitos em que nos parece haver reminiscências árabes, ou pelo menos um arreigado prazer de ser servido, não custa imaginar como nos seria difícil passar sem creadas!

Prova-o o enervamento imediato causado pela demora da creada que não acudiu ao segundo toque de campainha para nos vir dar um livro que não estava exactamente ao alcance do nosso braço, mas a um passo do nosso maple!





\* \* \*

E' vulgar ouvir estas frases que nos fazem mágua: «As creadas são todas iguais». «Não reconhecem o bem que se lhes faz». «Já fiz isto ou aquilo a uma creada mas agora nunca mais! São todas ingratas».

Onde está o espírito cristão desta atitude?

Onde é que se considera a caridade sem recompensa?

Quando é que se reconhece que as creadas são almas, nossas irmãs em Cristo?

\* \* \*

As creadas são talvez o elemento que Deus destina para por à prova no nosso dia a dia, primeiro de uma forma geral a nossa caridade e depois o domínio de todas as nossas imperfeições. As faltas de perdão, a raiva mal contida, as



imposições penosas, são tudo culpas a que estamos sujeitas mercê da situação dominante em que estamos perante as creadas.

Em compensação exigimos delas com *rigor absoluto*, o cumprimento da mais difícil das virtudes: a *Humildade!*

Quantas vezes as acusamos de má educação, as chamamos «malcreadas», apenas por lhe ouvir uma ou duas palavras que não são mais que um fraquejar da sua humildade cansada!?

\* \* \*

«Que têm ideias avançadas» é um termo muito usado para sacudir a ofensa que elas nos fazem com a sua cobiça.

Devia haver mais discreção nos motivos que lhes despertam a inveja.

Quantas vezes se usa enumerar deante da creada que nos serve, as grandes somas gastas nas compras dum tarde! As contas da modista, os preços dos chapéus, etc., tudo poderia ser feito mais discretamente do que às vezes é. Também temos ouvido que «sendo a creada boa para o serviço o resto pouca interessa, desde que se porte bem dentro de casa».

Este mal é muito grave!

A indiferença pela vida particular das creadas, e a barreira de frieza que as afasta, são a causa da sua falta de dedicação.

Quantas senhoras, das suas creadas nada mais sabem que as indispensáveis «informações» dadas por pessoa de confiança. E' *séria, fiel, sossegada, trabalha bem*; logo é uma *ótima creada*, como quem diz uma *boa máquina*.

Se tem dores, desgostos, se não sabe escrever para a família, se, enfim, precisa de conselhos, não se sabe, isso é lá com ela...



\* \* \*

Há também um sistema lamentável usado para conservar as creadas, trazidas da província. E' sequestrá-las ao convívio e esconder-lhes tôdas as atrações da civilização. Tendo em mira principal que não conheçam o «câmbio» dos ordenados só conseguem demorar por mais algum tempo a ilusão que porventura tenham sobre a *bondade* dos seus «senhores».

E' um dever avaliar com justiça o ordenado a pagar e não pagar o trabalho por baixo preço, alegando em desconto, alguns favores feitos ou os presentes oferecidos.

\* \* \*

E tantas e tantas culpas — que são nossas, só nossas — do estado a que chegaram as coisas, que não nos podemos admirar que as creadas digam também de nós, que «somos todas iguais».

Conservar creadas não é uma questão de sorte, mas sim de sensibilidade e educação.



MAMÁ

# Arrumação

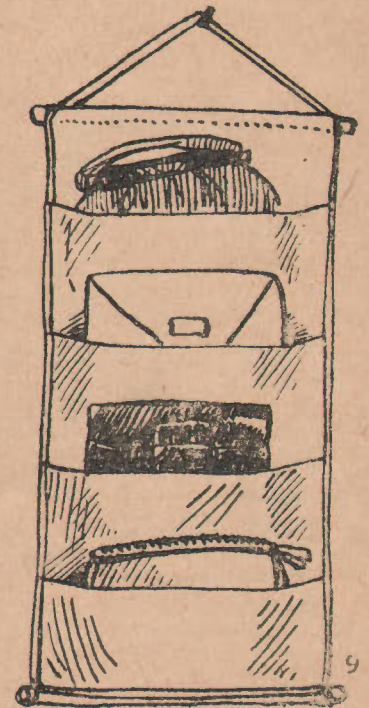
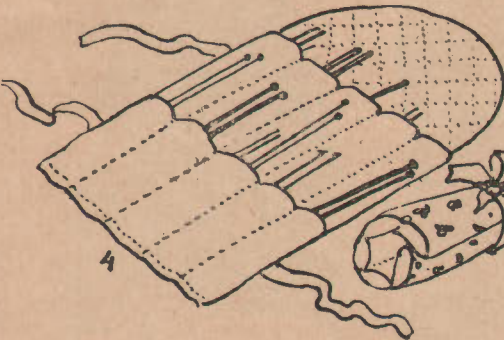
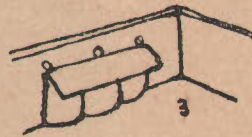
Fazer uma boa página sobre utilidades é coisa muito difícil.

Tão difícil que só experimentando se pode avaliar a dificuldade.

Já em 1909 um jornalista francês cheio de espírito caricaturava as páginas deste gênero ensinando a maneira de transformar um chapéu de palha (Chevalier) num lindo cesto de pão, e um velho caixote num interessante «fauteil»... A verdade é que metade das vezes são ideias inconcebíveis e a outra metade são de mau gosto, visto que o discutido bom gosto não é igual para toda a gente da mesma forma que aquilo que a uns parece muito útil para outros é absolutamente ridículo.

Diremos à primeira vista, que é facilimo recortar de boas revistas americanas onde as ideias

(Continua na pág. 34)



# Tristão de Attayde Arrumação

continua a falar

(Continuação da pág. 32)

(Continuação da pág. 21)

Não há conversões profundas em grupo, senão por excepção. Só do contacto de uma alma com outra desse choque misterioso da «presença» cuja importância psicológica e espiritual tão bem foi observada por Gabriel Marcel é que se processa activamente, em regra, o trabalho de conversão de uma alma.

pág. 160

A A. C. não se limita ao terreno social. Sua seara também é a das inteligências, tão desorientadas no século em que vivemos não pode o apostolado dos leigos optar entre as massas e as élites, entre o trabalho no terreno social e intelectual. Tem de fazer uma e outra coisa, apenas escolhendo para tarefa as pessoas mais adequadas para actuar no meio que se tem em vista, para os objectivos que se pretendem alcançar.

pág. 156

A acção católica é por natureza solidariá, incorporada, colectiva... O individualismo na acção é portanto tão contrário ao espírito da Igreja e do Cristo quanto o individualismo na oração.

pág. 33

Pio XI deixou bem claro que a qualidade deve preferir-se à quantidade, ao menos no início das organizações da A. C. Pois esta não é um simples movimento de massas e sim uma selecção de elementos para movimentar e dirigir as massas e as elites. O trabalho de selecção é absolutamente fundamental em matéria de acção católica. E daí o papel essencial que desempenha a formação em todo o movimento.

pág. 125

Pois a Acção Católica não é qualquer coisa de acrescentado à vida católica e sim a própria extensão dela o prolongamento social de nossa vida religiosa. A piedade sólida é a primeira condição exigida que mostra o invariável fundamento sobrenatural dessa actividade.

pág. 125-126

E' a vida humana em última análise que constitue objecto da Secção Católica. Nada do que interessa ao homem lhe é estranho.

pág. 168

novas são uma em cada página. Em segunda análise vamos pondo metade de parte porque as reconhecemos difíceis de adaptar.

Resolvemos pois dar só exemplos praticamente experimentados, à parte o n.º 8 que foi... recortado de uma revista americana, e que serve de exemplo do que atraz dissemos. Está dentro de qual grupo? De mau gosto, inútil, ridículo, ou curioso e interessante?

Um cesto para papeis forrado de cretone com fecho éclair... e lacinho!

Tratando-se de arrumações não falta quem se queixe de pouco espaço e por isso damos um modelo de armário que instalado num corredor supre uma pequena casa de arrumos.

Fig. 1—No interior da porta esquerda, há lugar para óleo de linhaça, água raz, amoniaco, solarine, etc., tigela para borrifar a roupa, goma crua, panos para pó e para vidros. Ao fundo em baixo restos de trapos para limpezas. Na porta direita, por exemplo, benzina, lexívia, ácidos, etc. Escovas, papeis para embrulhar e jornais. Corpo central, vassouras espanadores, ferros de engomar, e caixa de pomadas e escovas para calçado.

Alvitre inútil para quem vive numa boa casa portuguesa do século XIX, ridiculo para quem está instalado num esplêndido prédio moderno, e possivelmente interessante para quem o aumento de família obriga a sujeitar-se ao pouco «espaço vital».

Há quem faça umas bolsas de chita com divisões para meter as meias de seda. Prendem-se com «punaises» na parede interior da gaveta como se vê na fig. 3 e quando se vai de viagem levam-se na mesma bolsa.

Para guardar as agulhas de tricot é na verdade muito prático este modelo feito de flanela dobrada e pespontada que se enrola e áta com as fitas que estão presas na parte de traz, como se mostra no n.º 5.

Para levar os sapatos dentro das malas de viagem fazem-se dois sacos de forma elíptica, um para cada sapato o que além de ser aseado facilita muito o acomodamento.

E finalmente para as várias carteiras dá resultado a bolsa de compartimentos que se pendura num lado interior do guardafato.

Resta pedir a quem tiver boas ideias, garantidas pela experiência, o favor de as tornar conhecidas por intermédio de «Alleluia» no sentido absolutamente puro de partilhar com o próximo os seus próprios valores.